

Blumenau

em Cadernos

TOMO IV — SETEMBRO 1961 — Nº 9

Empresa Fôrça e Luz Santa Catarina SA

ALAMEDA DUQUE DE CAXIAS, N.º 63

BLUMENAU — SANTA CATARINA

CAIXA POSTAL, N.º 27

ENDEREÇO TELEGRÁFICO : FÔRÇALUZ



CONCESSIONARIA dos serviços de fôrça e luz nos municípios de:

Blumenau — Gaspar — Ilhota — Itajaí — Brusque

Indaial — Timbó — Rodeio — Ibirama — Pre-

sidente Getúlio — Rio do Sul — Taió

Rio do Oeste e Trombudo Central

todos da região do Vale do Itajaí.

PROPRIETÁRIA das Usinas :

“Salto” — 7.000 KW

“Cedros” — 8.000 KW

“Diesel” — 3.000 KW

EM CONSTRUÇÃO :

Usina **“PALMEIRAS” — 18.000 KW**

BLUMENAU em CADERNOS

Tomo IV | SETEMBRO DE 1961 | N.º 9

A CONSTRUÇÃO NAVAL EM ITAJAÍ

Almirante Lucas A. BOITEUX

I. — Ao desentranhar de várias pastas, peçadas de centenas, talvez milhares, de notas e apontamentos, colhidos em várias fontes e diferentes épocas, referentes a homens, fatos e coisas da nossa nunca esquecida “santa terrinha”, topei com umas poucas indicações sôbre a indústria de construção naval estabelecida às ribas do caudaloso e pitoresco Itajaí.

São, infelizmente, em pequeno número e falhas; mas, apesar disto, passo aqui a transcrevê-las para servir, apenas, de lembrança e talvez de adminículo aos curiosos e interessados das atividades e artes de seus compatriotas, perspicazes autodidatas num mistér de grande perícia e alta responsabilidade.

A primeira e mais remota indicação, por mim anotada, refere-se à construção, por volta de 1820, em sítio não assinalado do rio, de uma *sumaca*, embarcação de vela, dotada de dois mastros, com vergas no de vante, diferindo da armação de patacho por ter o mastaréu do velacho inteiriço com o de joanete, envergando pano latino no de ré.

Tomou o barco o nome de *São Domingos Lourenço* (de quem teria tomado o nome?) e velejou para o Rio de Janeiro com carregamento de feijão, milho e várias dúzias de taboado para as obras do Museu real.

Segundo rezam as crônicas coévas, foi a primeira embarcação daquele que a transpôr a barra do Itajaí, o que faz crêr, segundo penso, o terem realizado outras ali fabricadas, como canôas, baleeiras, lançhões e iates, de menor porte, graças à abundância de excelentes madeiras adequadas colhidas nas matas da região.

Não temos ainda elementos persuasivos de ter sido o naviozinho ali construído por encomenda ou influência direta do patriota Vasconcelos Drummond, encarregado de receber umas terras no Itajaí e nelas estabelecer colonos.

Um pouco mais tarde, ali se estabeleceu um homem assaz ativo e empreendedor, o futuro Tenente-coronel da Guarda nacional e deputado provincial, Agostinho Alves Ramos, que deu forte impulso ao

arraial em formação. Tinha êle, além de naturais atributos, conhecimentos rudimentares da arte de construção naval. Tomando a seu cargo um rapazola natural de Guaratuba, mandou-lhe ensinar o officio de carpinteiro da ribeira (o que trabalha em construção náutica) e, em seguida, transmitiu-lhe o que sabia do risco e arquitetura naval.

O moço, sagaz e caprichoso, aprendeu e aprimorou as lições do mestre. Começando pelo fabrico de pequenas embarcações tornou-se perito profissional; e, pouco a pouco, mercê a experiência adquirida, construiu outras de maior porte. E assim se tornou conhecido o mestre Bento Malaquias da Silva.

II. — E das ribeiras do Itajaí, de quando em quando, novos cascos eram lançados balouçando-se garbosos nas águas do volumoso rio.

Minhas notas, como disse, são lacunosas. Apontam, em 1864, a presença em Itajaí do construtor naval Manuel Francisco Ferreira, natural de Portugal.

Saltam para 1916, registrando a construção de um palhabote *Joana* pelo conhecido "Mestre Zé", José Inácio da Silva, por encomenda do comerciário de Joinville, sr. Jean Knatz. Tinha o barco as seguintes características: Comprimento, 110 palmos; Bôca, 27; Pontal, 10; Calado 4, 5 palmos. Era todo o casco de madeiras nacionais. A guinda (altura) de seus mastros era de 125 palmos. Devia receber um motor de óleo cru da força de 70 cavalos a fim de suprir ocasionais deficiências e insuficiências nas viagens.

Era destinado à cabotagem. Fundeou no pôrto da Capital para ser registrado na Capitania dos Portos, em novembro do ano acima, sob o comando do destro capitão Lindolfo Caetano Vieira. Na travessia mostrou-se o barco muito bom de vela.

Nesse ano, outro estaleiro, situado às margens do Itajaí, se destacava sob a hábil direção do construtor João Tabalipa. Entre outras embarcações, temos notícia de haver fabricado uma chata para descarga de 110 toneladas, destinada ao Lloyd Brasileiro e também seis escaleres, de 20 pés de comprimento, seis de bôca e 2½ de pontal, para os paquetes da mesma companhia.

Novo salto em meus apontamentos. A 25 de Agosto de 1927, dos conhecidos estaleiros do sr. José Iglésias foram lançadas duas belas embarcações fabricadas de escolhidas madeiras das nossas florestas. Ambas eram encomenda da "Empresa de Pesca de Santos Ltda.". Tinha as seguintes características: Comprimento, 22,5 metros; Bôca, 5,45; Pontal, 2,80; Capacidade de carga, 125 toneladas. Seriam dotadas de motores.

A primeira tomou o nome de *Albatroz* e teve como madrinha a srta. Maria Luiza Konder, tendo quebrado à prôa a tradicional garrafa de Champagne o capm. Lindolfo C. Vieira. Do outro barco, chamado *Condor*, sua madrinha foi a srta. Julieta Heusi. A garrafa batismal foi lançada pelo sr. Antonio Olimpio de Oliveira.

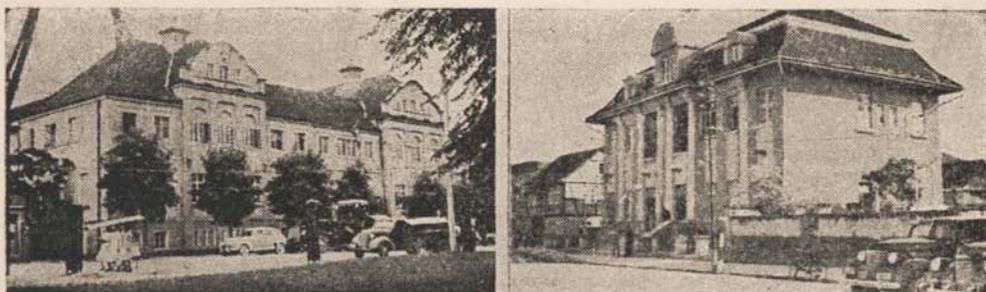
Como é de ver, o lançamento dos dois barcos teve grande assistência e entusiasticos aplausos, entremeados do estrugir do foguetório. A noite, o construtor ofereceu lauta ceia ao representante da companhia santista e os da imprensa local.

III. — Outro construtor naval de nomeada, em Itajaí, foi o sr. Hildebrando (Brandino) José da Silva, filho do popular “Mestre Zé”, acima apontado, falecido a 14 de Junho de 1945. Discípulo do pai, como êste despido de conhecimentos teóricos, tornou-se no entanto, um profissional de grande perícia. Infelizmente, escreveu um seu contemporâneo, “nem teve oportunidade de praticar em maior estaleiro do que no paterno. Isso mostra a que alturas teria atingido em sua arte se houvesse encontrado ambiente para alargar o talento natural, a capacidade de se desamarrar da rotina e a coragem para empreender obras cada vez maiores”.

Possuiu estaleiro próprio, mas sem lucros. Como dirigente, mais tarde, do estaleiro do armador Sr. Antonio Ramos, deixou dois belos barcos a atestarem a sua capacidade criadora — “Brandino” e “Ramos”. Aos 65 anos deixou de existir, “com uma satisfação, que muito o confortava; a de seu filho e aprendiz Hildebrando já estar proficientemente dirigindo construções navais, continuando assim a carreira do avô e do pai e mantendo a tradição de uma família de carpinteiros da ribeira”.



As nossas repartições públicas



Vistas do prédio da prefeitura municipal e do edifício dos Correios e Telégrafos de Blumenau. Parte do primeiro, onde estava instalado o fóro da Comarca, foi destruída por um incêndio e está sendo demolida. O prédio da agência do Correio não é propriedade do govêrno. Foi construído pelo saudoso industrial Curt Hering, especialmente para abrigar aquela repartição, cujos serviços, então, estavam pèssimamente instalados em casa particular, no comêço da rua 15 de novembro. Foi edificado no terreno em que se encontrava a primeira escola pública do sêxo feminino.)Ver “Blumenau em Cadernos”, tomo III, pag. 207).



POR OFÍCIO DE 18 DE SETEMBRO DE 1843, o presidente da província de Sta. Catarina solicita a S.M. a Imperatriz, a mercê de aceitar o título de protetora do Hospital das Caldas e de permitir que elas se denominem “Caldas da Imperatriz”. Em ofício de 15 de outubro, seguinte, o ministro Silva Maia comunica que a Imperatriz se dignou de anuir ao pedido.

A FUNDAÇÃO DE SÃO BENTO DO SUL

(Continuação)

CARLOS FICKER

N.º 15)

RELATORIO sôbre o estado da Colonia de Dona Francisca no ano de 1874.

... a maior parte dos immigrants recém chegados a esta Colonia foi estabelecida no novo núcleo colonial de São Bento, distante d'aqui 15 legoas mais ou menos, além da Serra do Mar. São Bento já he habitado por 396 pessoas que occupão lotes com área total de 2900 hectares. As terras de São Bento são excellentes e os novos colonos são satisfeitos com a fertilidade do solo, mas ha embarços por não ter sido adiantado ainda a construcção da Estrada Dona Francisca até São Bento e tendo vencido por ora não mais que a metade da distancia, que São Bento separa da antiga Colonia Dona Francisca. Todos os transportes de pessoas, utensilios e mantimentos de Joinville para lá são feitos por meio de cargueiros em estradas ruins e mesmo perigosas em tempos chuvosos. A provincia do Paraná collocou na Encruzilhada no caminho para São Bento huma barreira, em que devem ser pagos direitos provinciais de exportação e importação. A Colonia Dona Francisca, de que São Bento forma huma parte inherente, he assim cortada em duas metades. Demais esta incerteza dos limites faz, que nenhuma autoridade judicial e policial esteje competente em São Bento. A consequencia he, que a justiça alli é nulla e o districto e a população fica turbulenta e pouco respeita as leis e as autoridades. Este estado das cousas não pôde durar sem males funestos, e de certo o Governo Imperial em sua sabedoria não se descuidará de tomar as providencias para remover os embarços que muito obstão a prosperidade do novo núcleo colonial de São Bento...

N.º 16)

Direcção da Colonia Dona Francisca, aos 15 de Janeiro de 1875.

Ilmo e Exmo. Snr. Tenho a honra de informar o seguinte: — No domingo passado, 10 do corrente, nas horas de manhã, appareceu nesta Villa de Joinville hum grupo dos colonos do núcleo de São Bento, no número de 40 homens mais ou menos que to-

dos estavam armados com espingardas e facas e se aquartelavão em tres casas de recepção desta Colonia, nas quaes estão morando algumas poucas familias de colonos recém chegados.

As 9 horas de manhã huma deputação de 6 homens, sem armas, appareceu em minha casa e me communicou, que todos fossem vindos para aqui fazer huma reunião com o Snr. Etienne Douat, Engenheiro Director da Estrada Dona Francisca, a cerca do augmento dos jornaes, como elles não podião subsistir com o jornal diario de 1\$500 Rs. Ao mesmo tempo esta deputação perante de mim se queizou sobre os embarços e perdas, que os colonos de São Bento soffressem pelos intrusos do Paraná.

Depois de ter se retirada a deputação procurei na Villa a gente e encontrei a maior parte na Venda de Jordan, intimando os, que se reunissem na sala do hoteleiro Berner, para alli me dar ao protocollo suas queixas. As 10 horas de manhã reunião-se na sala de Berner em redor de mim trinta e tantos homens, dos quais 5 ou 6 tinham consigo facas e espingardas, cujos fechos entretanto estavam segurados com lenços. Todos os presentes estavam tranquillos.

Como porém subera, que o caizeiro da venda em São Bento, subvencionada pela Direcção da Colonia, na véspera da partida dos aqui reunidos, com huma faca foi gravemente ferido na barriga por um colono d'alli de nome Jacob Hirsch, primeiro me fiz informar pelos reunidos sobre este caso e me convenci, que este caso não tinha relação nenhuma com o intento dos aqui reunidos.

A minha pergunta, o que fosse seu pedido verdadeiro? se ouvirão as mais diversas pretensões. Hum pretendeu a creação de escolas, outro a entrega dos titulos das terras, o terceiro queria igreja e parochio, o quarto a remoção dos intrusos etc. Entretanto estes vários pedidos finalmente unirão-se, que immediatamente eu devia mandar hum telegrama, cuja resposta elles querião esperar aqui. Mostrei à gente o nenhum proveito deste pedido, ainda mais que elles mesmos não bem sabião, o que devia conter o telegrama e à quem era para dirigir. Então hum

homem, natural da Bohemia, de nome Dietrich e sapateiro de profissão, se levantou e fallou mais ou menos assim: "Irmãos Européus! nos somos fraternalmente unidos em angustia e morte no mesmo animo e com a mesma etc. etc. O que resolvemos entre nós, n'isso deve ficar. O telegrama deve sahir e não nos retiramos antes até que recebemos a resposta". Aplauso geral seguiu a estas palavras. Em fim me foi annunciado o seu verdadeiro pedido: que elles todos querião ser reenviados para a Europa!

A reunião se mostrou hum pouco mais tumultuária, dous policiaes se apresentarão entre os reunidos e intimarão aos armados, que entregassem as armas. Isto causou grande barulho e gritaria alta, como os armados não quizerão entregar as armas e os outros gritavão, que a intervenção da policia não fosse de direito. Em quanto que ordenei à gente que se calasse e lhe demostrei, que d'este modo não podião ser tratados prudentemente e protocollados os seus pedidos, os policiaes se retiravão e as negociações começaram de novo, porém com menos tranquillidade e com pontos ainda menos claros.

Logo depois se apresentou o Delegado de Policia com tres policiaes e em nome da lei intimou os armados que entregassem as armas. Outra vez se levantou alta gritaria e barulho immenso, que, quando os policiaes procurarão tirar à gente as armas a força, se converteu numa briga, em que hum dos policiaes se viu necessitado desembainhar a espada. Então mais moradores da Villa de Joinville se apresentarão para coadjudar os policiaes e em poucos momentos a resistencia foi quebrada e as armas se achavam nas mãos da Policia.

Com isso findou-se o tumulto, que não tinha mais consequências funestas. Depois que os animos excitados se tinham feito ar em discussões e discursos, dissolverão-se os reunidos, de que os mais quietos mesmos declararão, que neste dia não se podia mais pensar na continuação das negociações. No dia seguinte os colonos de São Bento se apresentarão no escritorio da Direcção da Colonia e alli repetirão em modo tranquillo e civil os seus pedidos e depois de vários propostos se declararão satisfeitos quando concordei, que do meio d'elles dous deputados por elles mesmos escolhidos, devião hir para a Corte no Rio de Janeiro, para alli apresentarem pessoal-

mente sobre seus queixumes às autoridades competentes e que devia ser dado à estes deputados o dinheiro de passagem por conta da Direcção.

Não há dúvida que esta gente de São Bento para cá veio em chusma no intento para fazer uma demonstração não violenta. Muitos dos colonos perguntados hum por hum conjurão, que forão forçados e necessitados para acompanhar. E com effeito entre os moradores de São Bento há alguns homens que além do mar forão ensinados pelos Democratas socialistas e talvez mesmo forão membros da Internacional. A estes homens seguem os mais colonos. Com effeito esta circumstancia não deve ser olhada com indifferença, e pode causar ainda à colonização deste paiz difficuldades importantes.

Deos guarde V. Excia — Ilmo e Exmo Snr. Dr. João Thomé da Silva, Dgmo. Presidente da Provincia de Sta. Catharina.

A Direcção da Colonia Dona Francisca.

N.º 17)

Diracção da Colônia Dona Francisca, aos 9 de Fevereiro de 1875. Ilmo. Sr. Em resposta ao seu honrado Officio de 5 do corrente a respeito da criação dum Distrito de Subdelegacia em São Bento, tenho de comunicar a V. Sa. o seguinte:—"Dentro d'este Distrito estão morando os cidadãos seguintes, que parecem aptos para Subdelegado e Suplente: Francisco Teixeira Freitas, (morador entre Rio Negro e Rio São Miguel ou Jararaca), José Moreira (morador na Estrada Dona Francisca), Henrique Reusing (morador na povoação de S. Bento), José Teixeira Freitas (irmão do primeiro).

Deus guarde a V. Sa. Ilmo. Snr. João Eugenio Moreira, Digno. Delegado da Policia.

N.º 18)

Diracção da Colônia Dona Francisca aos 3 de agosto de 1875.

Recebemos o aviso do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, autrizando a Presidência da Provincia do Paraná a mandar pagar a Francisco Antonio Maximiano a quantia de 737\$125 Rs, importância das benfeitorias realizadas nas terras que lhe foram vendidas por aquela Presidência no núcleo Colonial de São Bento e somos muito agradecidos a V. Excia. desta decisão de suma importância para a tranquillidade dos colonos de São Bento.

Informações a diversas queixas formuladas pelos Colonos de São Bento em Abril de 1875 contra a "Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo:

QUEIXA N.º 1: Os Colonos na data em que fizeram esta reclamação não tiveram efetivamente títulos de posse ou de propriedade, porque esta Direção estava sempre em dúvida sobre as decisões que o Governo Imperial se dignaria tomar a respeito dos terrenos de São Bento. Estes Títulos seriam inúteis e sem valor antes de uma decisão definitiva do Governo Imperial. Logo depois que o Sr. Argollo assegurou à Direção a propriedade incontestada foram lavrados os títulos de posse.

QUEIXA N.º 2: Não há efetivamente em São Bento nem Igreja, nem escola, nem verdadeira botica nem médico estabelecido o que é muito natural. Até agora o número dos colonos estabelecidos em S. Bento é pequeno e não é possível construir Igreja em cada lugar para dois ou três centenos de moradores, como também não pode haver vigário especial para custas do primeiro estabelecimento de colonos no núcleo de São Bento foram tão elevados que apenas era possível satisfazer as primeiras necessidades materiais dos colonos. A Direção mantém em São Bento uma botica com os remédios mais necessários distribuídos de graça aos colonos. São Bento é um pouco longe de Joinville (um dia a cavalo) — e nunca faltaram os socorros médicos aos colonos doentes.

QUEIXA N.º 3: Esta queixa dos colonos ao longo da Estrada Dona Francisca é até certo ponto fundada. O lado Norte desta Estrada é completamente deserto, exposto às correrias dos Índios e Bugres. Se o Governo Imperial dignava-se conceder por venda à Sociedade Colonizadora as terras situadas ao lado norte da Estrada Dona Francisca, com um fundo de mais ou menos 1000 metros, seria possível estabelecer colonos também ao norte da Estrada e seria um grande benefício

para os colonos já estabelecidos ao lado sul da Estrada como também para a conservação do caminho.

As outras queixas são de menor importância e sempre há alguns agitadores que obrigam a gente quieta a assiná-las. A prova que foi assim acha-se já no fato que algumas famílias como os Zipperer por exemplo assinaram a queixa e não só se sustentaram perfeitamente nos seus terrenos, mas também pagaram já nesta Direção dinheiro para passagem de outras pessoas de suas famílias ainda na Europa. Joseph Rohrbacher que assinou também com o seu irmão Ignatz Rohrbacher quer trazer para São Bento perto de 200 famílias para imigrar da Bohemia.

N.º 20)

Direção da Colônia Dona Francisca aos 9 de setembro de 1875. Ilmo e Exmo. Sr. Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Excia que da cidade de S. José dos Pinhais na Província do Paraná mandaram praças de pré e de Polícia ao distrito de São Bento para pegar presos os suplentes de subdelegado e inspetores de quartelão, nomeados pela Presidência da Província de Sta. Catarina. Lançaram também impostos para os cofres da Província do Paraná os negociantes estabelecidos nesta colônia de São Bento. Fazemos o possível para apaziguar os ânimos indignados por tal procedimento. Seria muito desejável que se decidisse a infeliz questão dos limites entre as Províncias do Paraná e de Sta. Catarina a fim de evitar para o futuro dificuldades e brigas. Toda a povoação ao sul do Rio Negro desejando pertencer à Província de Sta. Catarina com a qual são ligados por todos os seus interesses e facilidade de comunicação. Tenho a honra pedir respeitosamente V. Excia. dignar-se tomar em consideração o estado lástimo em que acham-se os colonos de São Bento para tomar uma decisão definitiva. Deus guarde a V. Excia.

(CONTINUA)

★
A 21 DE AGOSTO DE 1921 — há 40 anos atrás, — chega a Blumenu a benemérita irmã Aluysianis, da Divina Providência, encarregada do manêjo dos aparelhos de Raio X do Hospital Santa Isabel, onde a mesma ainda se encontra em plena atividade. Pelos seus grandes serviços à coletividade blumenauense, a Irmã Aluysianis foi agraciada, pela câmara municipal, com o título de Cidadão Blumenauense. ("Blumenau em Cadernos", tomo III, pag.151).

PAULO SCHWARTZER

Desde a sua fundação, até a sua emancipação e consequente elevação à categoria de município, Blumenau não conheceu lutas políticas.

Veiz por outra realizavam-se eleições para deputados provinciais, ou representantes da província no parlamento nacional. Mas disso não se originavam lutas. E nem o fato chegava a apaixonar, senão aos eleitores que eram em número irrisório. Havia poucos brasileiros natos, ou naturalizados. Pelo menos para exercerem cargos eletivos e de responsabilidade. Tanto era assim que, para completar a primeira Câmara eleita em fins de 1882 foi preciso emprestar um cidadão, morador já dentro dos limites do município de Itajaí. Foi José Henriques Flôres Filho, primeiro presidente do legislativo municipal.

Com a criação do município, a coisa mudou de figura. O gabinete que dava cartas no império naquê tempo era o Liberal. Os blumenauenses, acostumados à administração honesta, sensata, operosa e justa do fundador da Colônia, tinham o Dr. Blumenau como seu oráculo e seu guia incontestável. E pendiam, com êle, para os conservadores.

Instalado o município, os liberais não perderam a oportunidade de fazer o seu eleitorado na nova comuna.

Assim, os vários cargos, decorrentes da emancipação, foram dados a liberais. E, como dêstes não havia em Blumenau, com credenciais bastantes, vieram alguns de fora. O escrivão de órfãos e tabelião, por exemplo, veio de Destêrro, na pessoa de Elesbão Pinto da Luz. O comissariado de Terras Públicas, para o qual fora nomeado, interinamente, o agrimensor João Breithaupt, passou a ser dirigido por Paulo Schwartzer, até então residente em Brusque.

Casos criados pela Comissão de Engenheiros, chefiada pelo Dr. Antunes, que se casara com uma filha de C.W. Friedenreich, um dos 17 colonos fundadores de Blumenau, deram origem a uma série de incidentes, suscitando opiniões desencontradas, concorrendo para uma divisão mais acentuada entre as duas fações políticas. Veio à luz o "Immigrant", jornal dos partidários de Antunes para dar combate ao "Blumenauer Zeitung" pôsto ao lado dos conservadores.

A figura de Paulo Schwartzer se destacou nessas lutas e teve, antes e depois da proclamação da república, atuação destacada na vida social e política do município. Nascido na Alemanha, em Brieg, na Silésia, em 31 de outubro de 1844, Schwartzer fêz seus estudos secundários no ginásio de Breslau. A situação política na Alemanha, naquela época, não era das mais seguras; antes confusa e ameaçadora. O pai de Paulo, Carl Schwartzer, como centenas de outros chefes de família, pressentia a iminência de guerras em que o filho, com seus 18 anos de idade e o seu físico bem proporcionado não poderia deixar de tomar parte. Aconselhou-o, por isso, a que seguisse o exemplo de centenas de alemães que embarcavam para o Brasil, em busca de perspectivas de vida mais amplas, mais seguras, mais justas. E foi o que Paulo procurou logo pôr em prática.

Embarcou na "Gallote Amor" a primeiro de outubro de 1862. O pai o acompanhara até Hamburgo, prometendo-lhe que iria, também êle, dispor os seus negócios de forma a poder igualmente, e muito breve, seguir, com a família, o rumo do filho.

Para Paulo Schwartzer, os três meses que o navio andou singrando o Atlântico, visitando os portos principais da Europa e da América, foram de grande alegria e satisfação. Seu espirito permeável aos encantamentos da natureza,



extasiava-se ante as surpresas que a cada nova escala e a cada novo pôrto se lhe deparavam. Espirito inteligente e curioso, não se limitava, apenas, a ver e admirar as paisagens. Com a beleza dos panoramas, ficaram-lhe registrados na mente as observações que ia colhendo e analisando.

A 22 de dezembro, o navio aportou ao Rio Grande. Paulo tentou obter colocação numa das casas de comércio da cidade. Faltavam-lhe, porém os indispensáveis conhecimentos da lingua vernácula. Em Pôrto Alegre, também não teve melhor sorte. Resolveu, assim, atender ao conselho de patricios já ali radicados e de teutos-brasileiros que conhecera, e seguiu para o interior do Estado onde já floresciam várias colônias alemãs, numas das quais não teve dificuldade em encontrar emprêgo como mestre-escola. Graças ao seu entusiasmo e à sua mocidade, acostunou-se logo à vida simples da colônia. Durante dois anos consecutivos, exerceu o professorado, alvo da consideração dos seus pequenos alunos e da estima dos moradores da região. Soube, nesse meio tempo, que seus pais e as duas irmãs, haviam pôsto em prática os planos de emigrar para o Brasil e se encontravam já estabelecidos em Destêrro.

Paulo deu-se pressa em juntar-se a êles. Estudando a situação, resolvera a familia transferir-se para a Colônia Itajaí, havia pouco fundada pelo Dr. Araujo Brusque, de quem posteriormente, herdou o nome. Adquirido um lote colonial às margens do pequeno Itajaí, os Schwartzter atiraram-se com entusiasmo à lavoura. Mas, tanto o pai, como os filhos, não tinham jeito para a agricultura. Sem o necessário traquejo, sem a prática indispensável, o chefe da familia decidiu, então, transferir-se com ela para o nascente povoado de Brusque, onde adquiriu casa, nela montando oficina de marceneiro, profissão que era a sua, na Alemanha. Viu, em pouco tempo, crescer-lhe a freguezia e abstança. O filho, por sua vez, encontrou colocação numa casa comercial. Dedicou-se, com muito empenho ao estudo do português. E, à proporção que ia fazendo progresso, nesse sentido, ambientava-se na sede colonial, tomando parte ativa, não apenas nas relações da sociedade, que se ia formando, como na própria direção do estabelecimento. Em pouco, vêmo-lo dirigindo uma cooperativa de consumo e desempenhando encargos administrativos. Foi por essa época que casou com Matilde von Knorring, a filha única da primeira professora de Brusque, de quem publicamos, na edição de junho último, destes "Cadernos", uma interessante biografia.

A cooperativa de consumo não deu, entretanto, os resultados que eram esperados. Teve que encerrar suas atividades. O dr. Olimpio Pitanga, então na direção da Colônia Brusque, admitiu Paulo Schwartzter como agrimensor, passando êste a trabalhar na abertura da antiga estrada que vai de Blumenau àquela Colônia. Nesse cargo, Paulo também demorou pouco tempo. Havia sido instalado o municipio de Blumenau. O Dr. Pitanga consegue a nomeação de Paulo Schwartzter, que era filiado ao partido liberal, então no poder, para o pôsto de Agente de Terras e Colonização, com sede no novo municipio, para onde se mudou, indo residir no bairro então denominado "Affenwinkel" (Canto dos Macacos), na atual rua Pastor Hesse. Desenvolveu aí intensa atividade politica e, com Elesbão Pinto da Luz, também havia pouco chegado a Blumenau e com outros próceres liberais tratou de arregimentar os seus partidários para neutralizar o prestígio dos conservadores, que eram a grande maioria dos blumenauenses.

Em 1886, com a queda do gabinete liberal, Paulo Schwartzter foi substituído na Agência de Terras. Já então perfeitamente familiarizado com a lingua nacional, e contando com vasto circulo de relações, adquiriu êle uma casa na então "Palmestrasse" (rua das Palmeiras), atual Duque de Caxias, e montou escritório de advocacia. Além de dono de regular cultura geral, possuía vasto conhecimento das leis do país. Não lhe faltou, por isso, trabalho na defesa dos interesses dos colonos, tanto de Blumenau, como de Itajaí e Brusque, de onde o vinham procurar quantos necessitassem de conselhos ou de interferência junto às autoridades administrativas e judiciárias. -

Veio, porém, a revolução de 1893. Paulo Schwartzter não pôde deixar de estar ao lado dos "maragatos". Pelas colunas do "Immigrant", jornal que obedecia a orientação dos liberais, Paulo Schwartzter defendeu-lhes a causa, em artigos inflamados, atacando de rijo os conservadores. Advieram-lhe, daí contrariedades sem conta. Prisões, fugas para o interior da colônia, etc. Quando as tropas

revolucionárias passaram por Blumenau, Paulo, com dez ou doze correligionários foi preso durante oito dias no edifício da Câmara Municipal. Antes, a 31 de dezembro de 1892, por ocasião da estada de Gumercindo e Aparício Saraiva e dos seus bandos armados, em Blumenau, com rumo ao Paraná, foi na casa de Paulo Schwartzter que esses revolucionários e a sua oficialidade, festejaram a entrada do Ano Novo. Paulo era, então, o chefe dos federalistas em Blumenau.

Com a vitória dos republicanos, Paulo Schwartzter, juntamente com Augusto Zittlow e outros, foi novamente preso na Câmara Municipal, tendo sido, oito dias depois, remetidos por ordem do chefe republicano, Hercílio Luz, para Destêrro. Destinavam-se, como tantos outros, à fortaleza de Anhatomirim, onde deveriam ser fuzilados. A esposa de Paulo Schwartzter lembra-se, então, de um certo Diogo dos Santos, comerciante no Rio de Janeiro, muito amigo da família, a quem escreve uma carta, expondo a situação e implorando proteção para o marido.

O primeiro vigário de Blumenau, padre José Maria Jacobs, numa fotografia oferecida a Paulo Schwartzter a quem dedicava grande amizade.

Essa fotografia traz honrosa dedicatória. Paulo Schwartzter era católico, embora pouco frequentasse a igreja e assistisse aos atos litúrgicos. Mas, colaborava com o seu pároco em tôdas as solenidades religiosas ou nos festejos populares, em benefício da matriz e das obras de assistência social por ela patrocinadas.

A de Paulo Schwartzter era uma das casas de paroquianos que o padre Jacobs costumava frequentar, entretendo-se ali, com o proprietário e outros conhecidos e amigos, em palestras que se prolongavam por horas seguidas.



Diogo dos Santos era parente do então ministro da guerra. Foi-lhe, por isso, fácil conseguir a libertação de Paulo Schwartzter, que regressou ao seio dos seus e aí recebido com ruidosa alegria. Não quiz, entretanto meter-se mais em política. Elesbão Pinto da Luz, foi o único dos maragatos blumenauenses a ser fuzilado, por ordem de Moreira Cesar, então interventor federal no Estado.

Além das muitas contrariedades que teve de enfrentar, em razão das suas crenças políticas, Schwartzter teve, durante o governo de Hercílio Luz, que êle combatera, que fechar o seu escritório de advocacia e aceitar a proposta que lhe fizera Augusto Zittlow, de um cargo de feitor na construção da linha telegráfica Blumenau-Lajes.

Com a ascensão de Prudente de Moraes ao poder, começou a pacificação do país, tão profundamente convulcionado pelos acontecimentos que se seguiram à proclamação da república. Paulo Schwartzter voltou à sua banca de advogado e durante os doze anos que se seguiram até sua morte, ocorrida a 13 de abril de 1906 dedicou-se, inteiramente à profissão.

Agindo com honestidade e proficiência, conquistou a estima e a admiração de quantos necessitavam dos seus serviços. Cerca de quatro anos antes da sua morte, fez uma viagem à Alemanha, em visita aos seus parentes e para rever a terra do seu berço. Voltara encantado com o progresso do velho mundo e entusiasmado com o que vira no seu país e nos demais por onde passara. Transmitindo aos amigos a sua admiração pelo conforto que encontrara na Europa, costumava, contudo, aduzir: "Foi grande o prazer que senti em ver tanta beleza e tão grande desenvolvimento na Alemanha. Mas prefiro, acima de tudo isso, o Brasil, terra da abundância e da liberdade".

Orador de muitos recursos, de belo timbre de voz, Schwartzter não apenas se destacava nas defesas perante o júri. Era sempre o orador oficial nas solenidades e festejos em que tomava parte. Por ocasião das festas comemorativas do cinquentenário de Blumenau, em 1900, fêz o discurso programado, analisando a vida e a obra do dr. Blumenau. Grande amigo do sábio Fritz Müller, com quem costumava trocar plantas e a quem auxiliava na coleta de exemplares para estudo e classificação, foi Paulo Schwartzter quem discursou à beira da sepultura do grande naturalista, em 1897. Aliás — é interessante registrar êsse fato — foi o próprio Fritz Müller que jazia, já há vários dias, no leito, gravemente doente, quem mandou chamar Paulo Schwartzter e pediu-lhe que dissesse algumas palavras na ocasião do entêrro, pois, fazia questão de que o pastor protestante não lhe fôsse rezar à sepultura, visto como morreria tão ou mais materialista quanto tinha sido em vida.

Schwartzter era católico, mas pouco freqüentava a igreja. Fazia-o sempre na ocasião da primeira comunhão, ou casamento das filhas.

Perfeitamente identificado com a sociedade blumenauense, tomava parte em tôdas as boas iniciativas. Era membro da Sociedade Teatral "Frohsin", participando das peças que ela, periódicamente, oferecia à população. Era sócio também da Sociedade dos Atiradores e, às quartas-feiras, não deixava de comparecer ao seu clube de bolão para alguma partida com os demais sócios. Grande amigo da natureza e dos animais, tinha sempre em casa gatos, tucanos, papagaios, periquitos, etc. E, como num preito de gratidão a um tão carinhoso protetor, um dos gatos da casa, passou tôda a noite ao lado do cadáver de Paulo Schwartzter quando êste jazia no caixão mortuário e estava sendo velado por parentes e amigos.

Foi Paulo Schwartzter um blumenauense digno e operoso, que muito contribuiu, com os seus esforços, a sua dedicação e a sua inteligência, para o engrandecimento de Blumenau. A sua memória merece a nossa estima e a nossa veneração.

★

Moradores de Blumenau em 1857

No artigo, publicado no número anterior, "Blumenau há cem anos", dissemos que a colônia estava constituída de seis zonas: a da sede, denominada "Stadtplatz" e as cinco outras rurais. Daremos, em seguida, a relação de todos os moradores da colônia, em fins de 1857 em cada uma dessas zonas, tais como veem enumerados no mapa, junto ao relatório daquele ano. Em 1861, a situação pouco se havia modificado, de vez que o território acima do salto (Salto Weissbach) somente em meados dêsse ano é que começou a ser colonizado.

Na primeira zona, constituída pela povoação, sede da colônia que se estendia pelo território situado entre a foz do Garcia e a **Vorstadt** e pelas margens do mesmo ribeirão até a altura do hospital "Santa Catarina", moravam 58 famílias, assim distribuídas pelos respectivos lotes urbanos:

- 1) Ludwig Schaeffer, da Pomerânia
- 2) Augusto Wolff, da Silésia
- 3) Henrique Koch, de Oldenburgo
- 4) João Hönicke, de Turingia
- 6) Carlos Sasse, de Mansfeldschen
- 7) Emilio Odebrecht, da Pomerânia
- 8) João Witt, de Lübeck
- 9) Ludwig Pragst, de Hamburgo
- 10) Frederico van Lesecke, de Hannover
- 11) Henrique Michel, da Silésia
- 12) Wilhelm Kùchendahl, de Brunsvique
- 13) Ernest Schillenberg, da Turingia
- 14) Franz Keiner, idem
- 15) Teodoro Kleine, de Posen
- 16) Hermann Siebert, de Magdeburgo

- 17) Guilherme Schifter, de Berlim
- 18) Gottlieb Riediger, da Silésia
- 19) Frederico Lang, idem
- 20) Johann Behnke, de Holstein
- 21) Ludwig Schtleben e Franz Meier, de Halberstädschen
- 22) Karl Meyer e Augusto Sperling, ambos de Mecklemburgo
- 23) Júlio Baumgarten, de Brunsvique
- 24) Wilhelm Friedenreich, de Mansfeldischen
- 25) Heinrich Zwingmann, de Eidesfelde
- 26) Hermann Wendeburg, de Brunsvique
- 27) Reinhold Gaertner, de Brunsvique
- 28) Minna Görner, de Lausitz
- 29) Viúva Maria Rosemann, da Silésia
- 30) Pastor e Casa de escola
- 31) Johann Paddaratz, de Mecklemburgo
- 32) Frederico Tiedt, da Pomerânia
- 33) Eduardo Bötscher, de Lubec
- 34) Cristiano Immroth, de Brunsvique
- 35) Johan Gieseler, de Mecklemburgo
- 36) John Preillpper, da Turingia
- 37) Hans Kreutzfeld, de Lubec
- 38) Viúva Sofia Bähr, de Brunsvique
- 39) João Schak, da Turingia
- 40) João Magenknecht, da Turingia
- 41) João Schreep, de Mecklemburgo
- 42) João Hübbers, idem
- 43) Traugott Köhler, de Saxe
- 44) Frederico Lüders, idem
- 44a) Luiz Wehmuth, da Turingia
- 45) Frederico Jerga, de Holstein
- 46) João Richter, da Silésia
- 47) Karl Külps, de Mecklemburgo
- 48) Cristian Möller, idem
- 49) Friederich Gieseler, idem
- 50) Joaquim Maatz, idem
- 51) Heinrich Schmidt, idem
- 52) Friederich Schmidt, idem
- 53) Hans Esemann, idem
- 54) Teodoro Schroeder, de Berlim
- 55) Teodoro Schroeder, de Berlim
- 56) Wilhelm Schumann, de Anhalt
- 57) Karl Kegel, da Turingia
- 58) Karl Schneider, da Silésia.

Na segunda zona, que compreendia a margem direita do Ribeirão Garcia, pouco acima do Hospital Santa Catarina atual, até a distância de cerca de quatro quilômetros, estavam estabelecidos os seguintes:

- 1) Ernest Weise, da Turingia
- 2) Johann Knoch, idem.
- 3) Heinrich Köhler, idem
- 4) Carl Hadlich, idem
- 5) Cristian Heumann, de Beyreuth
- 6) João Knoch, da Turingia
- 8) David Seiler, de Saxe
- 9) Wilhelm Schreiber, da Pomerânia
- 10) Heinrich Ehrhardt, da Turingia

- 11) Carl Rechenberg, da Turingia
- 12) Carolina Spies, da Turingia
- 13) Bernardo Beck, da Saxônia
- 14) Heinrich Läuthäuser, da Turingia
- 15) João Gebien, de Mecklenburgo
- 16) Wilhelm Holetz, de Lausitz
- 17) Christian Passig, de Hollstein
- 18) Ema Ostermann, de Eichsfeld
- 19) Richard Becker, da Pomerânia
- 20) Franz Mathias, idem
- 21) Johann Busch, idem
- 22) Alexandre Bürger, de Lausitz
- 23) Heinrich Seide, de Hannover
- 24) Wilhelm Schmidt, do Rheno

Na terceira zona, constituída pelos terrenos da margem esquerda do Garcia (atual alameda Barão do Rio Branco para os fundos) moravam os seguintes colonos:

- 1) Hans Baade, de Mecklenburg
- 2) Moritz Holetz, de Lausitz
- 3) Andreas Grassmann, do Reno
- 4) Heinrich Koth, de Mecklenburgo
- 5) Joaquim Gramkow, idem
- 6) Catarina Berlien, viúva, idem
- 7) João Koth, idem
- 8) Dettlef Krambeck, idem
- 9) Carl Lehmann, idem
- 10) Georg Köhl, de Hollstein
- 11) Gottlieb Hadlich, da Turingia
- 12) Heinrich Hadlich, idem
- 13) Wilhelm Schreiber e Heinrich Ehrardt, da Turingia
- 14) João Gebien e Augusto Jarchow, ambos de Mecklenburg
- 15) Cristovam Müller, de Eichfeld
- 16) Heinrich Bichels, de Hamburgo
- 17) Hugo Schultze, de Berlim
- 18) Ernest Lehmann, da Silésia
- 19) Rodolfo Schust, da Pomerânia

Na quarta zona que compreendia parte do bairro atual de Itoupava Seca, margem direita do Itajai, do Senai para cima (mais ou menos), moravam os seguintes:

- 1) Augusto Preslien, de Lubeck
- 2) Fernando Ebert, de Halle
- 3) Hans Breithaupt, de Brunsvique
- 4) Hermann Wendeburg, de idem (*)
- 5) Carl Penneder, de Spreewald
- 6) Eduardo Romer, idem
- 7) Augusto Pershunn, de Brunsvique
- 8) Cristiano Beek, idem
- 9) Cristiano Spornau, de Saxe
- 10) Teodor Thomsen, de Holstein
- 11) Viúva Heffter, da Silésia
- 12) Henrique Kühne, de Halberstaed-tischen.
- 13) Wilhelm Friedenreich, de Mansfeldischen
- 14) Wilhelm Seeliger, de Brunsvique
- 14 b) Johan Hinsching, de Magdeburgo
- 15) Carl Engicht, de Lausitz

- 16) Wilhelm Schoenau, de Gotha
- 17) Pedro Müller, do Brasil (**)
- 18) Rudolf Rödel, da Turingia
- 19) Ludwig Helmbrecht, de Brunsvique
- 20) Heinrich Mathes, de Brandenburgo
- 21) Carl Matthes, idem
- 22) Ludwig Sachtleben, de Quedlimburg

A quinta zona, constituída pela atual Itoupava Norte e parte da Fortaleza, à margem esquerda do Itajaí, era habitada pelos seguintes colonos:

- 1) Luiz Thieme e Johan Faust, de Saxe e Hesse
- 2) Heinrich Rodatz, de Hamburgo
- 3) Heinrich Lüders, de Mecklemburgo
- 4) Guido von Seckendorff, de Brunsvique
- 5) Fernando Starcke, idem
- 6) Luiz Spengler, de Saxe
- 7) Fernando Starcke, de Brunsvique
- 8) Heinrich, Meyer, da Turingia
- 8 a) Frederich Kegler, idem
- 9) Antônio Hertel, de Saxe
- 10) Eduardo Stein, da Pomerânia
- 11) Disponível (pequeno lote)
- 12) Carlos Müller, de Harz
- 13) Cristovam Liesenberg, do Harz
- 14) Augusto Reif, de Meiningen
- 15) Gustavo Mencke, da Turingia
- 16) Frederico Hinckeldey, da Prússia
- 17) Luiz Wegener, de Halberstatischen
- 18) Josef Kuonz, da Suíça
- 19) Wilhelm Meier, de Hannover
- 20) Paul Paraski, da Prússia
- 21) Karl Eggebrecht, da Pomerânia
- 22) Irmãos Bickelmann, da Saxônia
- 23) Disponível
- 24) Cristian Rau, da Turingia.

A sexta e última zona era constituída de oito lotes na "Volta do Capim", na margem esquerda do Itajaí e nela moravam:

- | | |
|--------------------------------------|---------------------------------------|
| 1) Johann der Eich, da prov. do Reno | 5) Christian Böhme, de Saxe |
| 2) Julius Paupitz, de Saxe (***) | 6) Daniel Schneider, da prov. do Reno |
| 3) Wilhelm Schönau, do Gotha | 7) Reservado |
| 4) Carl Höring, de Weimar (****) | 8) Reinholdo Gaertner, de Brunsvique. |

(*) Hermann Wendeburg sempre residiu na primeira zona (sede da colônia). Naturalmente, reservara um dos lotes desta 4.^a zona para futuro aproveitamento, o que não aconteceu.

(**) É bem possível que se trate do pai de Lauro Müller. Residindo em Itajaí, onde prestou grandes favores ao dr Blumenau, servindo, por várias vezes de intermediário no transporte de cargas e correspondência de Itajaí para a colônia Blumenau e desta para aquela vila, é mais do que provável que ele tenha adquirido lote nesta zona. Em próxima comunicação aos nossos leitores, esclareceremos, destas colunas êsse ponto e falaremos da estada de Lauro Müller em Badenfurt, onde fez parte dos seus estudos primários.

(***) Êste Julio Paupitz (Ver "Blumenau em Cadernos", tomo III, pag. 225) foi, depois, comerciante em Passo Manso, no mesmo local em que os seus descendentes ainda ali mantem uma casa comercial.

(****) Sobre êste Carl Hering (e não Höring como está na relação), publicamos no número de março, destes "Cadernos" (Tomo IV, pag. 53) uma interessante correspondência que os leitores devem reler.

FATOS GEOLÓGICOS DE AZAMBUJA

P. RAULINO REITZ

Estando a olhar as sondagens da Estacal para fundir sôbre a rocha matriz as centenas de estacas de concreto dos alicerces do novo prédio do Seminário Arquidiocesano, em Azambuja, o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, Dom Joaquim Domingues de Oliveira pediu-me que, como professor de História Natural e Geografia, narrasse a **História geológica de Azambuja**.

Equivale a contar o nascer da terra, a formação das rochas, o aparecimento das plantas e animais...

De pronto me pus a estudar os documentos da geologia que são as rochas, compostos minerais e os fósseis, seres orgânicos petrificados. Poder-se-á, com auxilio de ambos, contar a história da terra muito mais longa e não menos prodigiosa que a história da Humanidade.

No seio da rocha consulto o relógio do tempo geológico que indica a idade das pedras baseado na radioatividade do urânio e do tório. Cada átomo de urânio, ao desintegrar-se naturalmente, põe em liberdade oito átomos de hélio. O residuo desta operação é um átomo estável de chumbo a testemunhar o fenómeno. Este processo de desintegração é lento e mensurável. Pelo exame, pois, do teor do urânio e tório e do teor de chumbo pode-se avaliar a idade de uma rocha.

O relógio da desintegração atômica acusa para a terra a idade aproximada de dois bilhões de anos, donde a ciência conclui que a idade do sistema solar é de cinco bilhões de anos.

Documentos bem mais manuseáveis do que as rochas são os fósseis que, por sua abundância, permitem seguir, até em detalhes, as transformações das linhas evolutivas de um determinado animal ou vegetal. Poder-se-ão conhecer, até o mínimo detalhe, as células de plantas que cresciam há vinte milhões de anos fazendo cortes e examinando as lâminas ao microscópio. Fósseis são seres vivos que, por processos especiais chamados de fossilização, se conservaram no interior das rochas à semelhança de carne no gelo.

Mas o que caracteriza um fóssil não é o estado da conservação em que se acha, mas a sua "idade", isto é, o fato de ter existido em uma determinada época anterior à existência do homem sôbre a terra.

Deve-se notar que em Azambuja não se encontram fósseis porque a camada geológica (Série Brusque: Algonquiano) que ora aflora aqui é anterior à existência de qualquer ente vivo em terra. Mas não longe daqui são encontrados em abundância em outras camadas geológicas.

Com êstes elementos introdutórios pode-se compreender a noção do **tempo geológico**.

Da mesma forma como a história da Humanidade é dividida em períodos em que se realizaram acontecimentos importantes: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea, a história da terra é dividida em grandes capítulos ou páginas — as Eras — subdivididas em Períodos e Épocas, compreendendo milhões até um bilhão de anos (Arqueano). Cada Período e Época compreende a história de acontecimentos importantes ocorridos no transcurso do tempo geológico.

Dividem-se as 5 Eras geológicas, nomeadas de acôrdo com o desenvolvimento da vida, a saber, Azóico (sem vida), Proterozóico (primórdios da vida), Paleozóico (vida antiga), Mesozóico (vida medieval) e Cenozóico (vida recente).

No seguinte quadro poder-se-á ver a duração de cada Era, o desenvolvimento da vida vegetal e animal, bem como a referência aos fatos geológicos de Azambuja. Os anos marcam sempre o início de cada Época geológica.



NESTE MÊS, NO DIA 12, transcorre o cincoentenário da elevação de Canoinhas à categoria de município. A lei que determinou essa providência, foi a de n.º 907 de 1911. O novo município continuaria fazendo parte da comarca de Curitibaanos.

ERAS	ÉPOCAS	MILHÕES DE ANOS		ANIMAIS		VEGETAIS	
AZÓICO	Arqueano	2.000					Granitos
PROTEROZOÍCO	Algonquiano	1.000				Algas marinhas	Série Brusque
PALEOZOÍCO (Primário)	Cambriano	500	Trilobites			Algas marinhas	Série Itajaí
	Ordoviciano	425	Invert. sup.				
	Siluriano	375	Peixes				
	Devoniano	350				Pteridófitos	
	Carbonífero	300	Batráquios			Ginospermos	
	Permiano	225				Pteridospermos	
MEZOZOÍCO (Secundário)	Triásico	200	Répteis				
	Jurássico	160					
	Cretáceo	125	Grandes répteis			Angiospermos	
CENOZOÍCO (Terciário e Quaternário)	Eocênio	60	Mamíferos				Az. sob o mar
	Oligocênio	35					
	Miocênio	20					
	Pliocênio	7	Grandes mamíf.				
	Pleistocênio	1					Sob o Itajaí-Açu
	Holocênio (atual)		Homem				Az. atual

Como em páginas resumidas, pois contém milhões de anos, irei narrando a história geológica de Azambuja.

PREHISTÓRIA GEOLÓGICA — Sem páginas para ler, pois, ainda é terra incandecente, sem crosta, mergulhamo-nos em hipóteses cosmogônicas. Já que a terra é um astro estudaremos no espaço a sua origem. O aspecto do céu revela-nos a história da terra: as nebulosas parcialmente condensadas, as estrêlas, os planetas, os anéis de Saturno, os satélites, as partículas cósmicas, os aglomerados estelares e as nebulosas inteiramente gasosas representam as escalas sucessivas da evolução sideral (Constet-L'Astronomie).

Explica-nos a ciência a formação de nossa terra como ainda muitas outras "terras" estão atualmente em formação: "No princípio o Universo era um conjunto de energias em ação e reação recíprocas, em constantes processos físico-químicos que, combinados, produziram a matéria cósmica que foi a poeira, que se agrupou em núcleos ou Sóis, que formou constelações. De um sol, ou por intermédio de Sóis, originou-se a terra".

Filha de Sol ou de Sóis a terra, como uma bola de fogo, girava no espaço, devido o calor bem mais dilatada que hoje, irradiava energias. Lá na sua superfície, no cruzamento de determinado meridiano e paralelo, divisamos Azambuja, mas ainda em chamas, como num sol.

1.ª PÁGINA — ARQUEANO — DURAÇÃO: 1 BILHÃO DE ANOS — É a maior Era geológica: 1 bilhão de anos. Equivale exatamente a todas as outras em idade. Devido à irradiação constante de calor, a terra começa a formar tênue crosta por sobre a esfera candente formada por rochas eruptivas (Granitos) e metamórficas (Gnaisses) que são as rochas mais antigas do mundo. O granito que é usado nos alicerces de nossas construções provém dos arredores de Azambuja. Conta de 1 a 2 bilhões de anos.

A paisagem de Azambuja, como a de todo o mundo naqueles primórdios, era desértica, desoladora, pois ainda não havia vida de espécie alguma no mundo. Reinava um clima quentíssimo e uma atmosfera pesada devido à grande quantidade de vapor de água aquecido. Com o contínuo esfriamento, durante um bilhão de anos, a terra foi diminuindo de volume e conseqüentemente enrugando a sua crosta cujas dobras geraram altas montanhas que desde então co-

meçaram a se submeter ao ciclo continuado de desgaste, transporte e sedimentação formando diferentes camadas sedimentares.

2.^a PÁGINA — ALGONQUIANO — DURAÇÃO: 500 MILHÕES DE ANOS — É a página de Azambuja. As rochas de Azambuja pertencem à Série Brusque que ocorre ao longo do Rio Itajaí Mirim. Esta Série geológica é formada de quartzitos, filitos (rocha sôbre a qual está alicerçado o Seminário Metropolitano) e mármore. Em Itajaí os filitos passam a gnaisses, pedra essa que racha em tábuas, muito usada para revestimento de paredes de casas e muros. O mármore dolomítico de Camboriú é explorado para revestimento e o prêto para o fabrico de cimento. Em Ribeirão do Ouro os enormes depósitos de mármore que alcançam mais de 200 metros de espessura sômente são explorados para fabricação de cal. Belos mármore ainda jazem inexplorados no interior de Brusque. Interessantes grutas de estalactites já foram descobertas no Ribeirão do Tigre e Vargem Grande, no vizinho município de Vidal Ramos.

Pode-se denominar o Algonquiano como "a Era geológica das vacas gordas" com referência a metais úteis. Com efeito. Contém a Série Brusque mais de uma dezena de minérios importantes como o visitante do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim poderá ver na vitrina dos Minérios Brusquenses: ouro em aluvião e filão, tungstênio (wolfrâmio), mármore, manganês, asbesto, caolim, sômente para nomear os mais conhecidos.

A Série Minas, irmã da Série Brusque em Minas Gerais é de uma riqueza fabulosa, bem conhecida por "quadrilátero ferrífero". A reserva conjunta das jazidas sidéricas da Serra do Espinhaço, naquele Estado, é avaliada em quinze milhões de toneladas! Isto para não falar da infinidade de outros minérios.

Como é que se originou a rocha (filito) sôbre a qual assentam as estacas de concreto do novo Seminário?

Ainda bem no início da formação da crosta terrestre, a cêrca de 1 bilhão de anos. Sôbre as rochas primitivas do Arqueano (granitos e gnaisses) começaram a agir os elementos dinâmicos (água, vento, calor, etc.) que passaram a destruí-las dando origem a rochas sedimentares ou sedimentos que, pelo calor reinante e pela compressão, passam a rochas metamórficas — os xistos. São as rochas matrizes de Azambuja, que hoje, já em adiantado grau de decomposição, forneceram uma camada de barro de 3 a 16 metros de espessura, pois é de 16 metros a estaca mais funda do alicerce do Seminário.

O ambiente quando se formaram estas rochas, ainda era desolador. Não havia nenhum vestígio de vida nos continentes. Temperaturas altas ainda reinavam no mundo. Mas nos oceanos, quais imensos laboratórios, começa a surgir a forma mais primitiva de vida — a alga.

3.^a PÁGINA — PALEOZOÍCO — DURAÇÃO: 275 MILHÕES DE ANOS — Em Azambuja prôpriamente não há nada que documente esta Era geológica. Mas bem perto, a uns 10 quilômetros apenas, no Morro da Bateia, observam-se fortes camadas de arenito (pedra de amolar) da Série Itajaí. Estas camadas de depósitos antigos, calculados em ca. de 425 milhões de anos, são resultado de vastas e espêssas camadas sedimentares, que alcançam até 1.000 metros de espessura, originadas da decomposição da rocha arqueana e algonquiana. Como não fôssem encontrados fósseis nestas camadas, conclui-se que, durante êstes muitos milhões de anos, reinava um deserto arenoso resultado de um clima ainda quente e árido.

No entanto, mais para o fim desta Era, o clima mudou para superúmido em muitas partes do mundo, como em tôda a zona carbonífera catarinense, originando-se uma vida rica em brejos de milhões de quilômetros quadrados que se cobriram de gigantescas florestas de samambaias, com enormes xaxins de até 40 metros de altura, povoados de insetos, anfíbios e répteis.

4.^a PÁGINA — MESOZOÍCO — DURAÇÃO: 140 MILHÕES DE ANOS — Há 170 milhões de anos, um inferno em fogo abrasou o sul do Brasil. Esta catástrofe teve lugar por um sucessivo fendimento da crosta terrestre que deram um mar de rochas em fusão (magma) cobrindo um milhão de quilômetros quadrados. Em Azambuja não há vestígios desta cobertura infernal, mas existe a apenas 30 quilômetros de distância, na Serra de Itajaí, em direção de Ribeirão do Ouro, a uns 800 m de altitude. Se não as lavas, mas o calor, e talvez a luz do tétrico incêndio teria sido vista de cá. De imensas fendas na crosta da terra, em inúmeras golfadas, saíram lavas que cobriram muitas zonas de uma camada de, às vêzes, até 1.100 metros de espessura.

A capa de rocha basáltica e melafírica formada deste derrame é chamada de "Trapp" termo sueco que significa escada, porque no Paraná as diferentes golfadas deram ao solo uma estrutura de patamares.

A vida em alguns dos milhões de anos desta Era ficou mais rica. Imensas florestas de coníferas (pinheiros) cobriram quase todo o Estado de Santa Catarina, provavelmente também Azambuja. Temos no Museu Dom Joaquim, na sala de Botânica, um belo exemplar destes pinheiros petrificados. Esta peça, uma das mais admiradas do nosso Museu, mostra na face polida os anéis de crescimento bem evidentes do pinheiro. No reino animal dominavam os répteis (Dinossauros) de enormes proporções.

5.^a PÁGINA — CENOZÓICO — DURAÇÃO: 60 MILHÕES DE ANOS — Divide-se esta mais recente Era geológica em 2 períodos: o Terciário e o Quaternário, alcançando este o nosso tempo histórico.

Período terciário — duração: 59 milhões de anos — Foi um período de acontecimentos notáveis entre os últimos 1 a 60 milhões de anos. Enormes movimentos na crosta terrestre produziram as montanhas novas: os Andes, os Alpes e a Cadeia do Himalaia que são as montanhas mais expressivas e mais altas do mundo.

Como reflexo deste movimento da crosta terrestre, na região andina, a Serra do Mar, em S. Catarina, sofreu um desequilíbrio fraturando-se e mergulhando, sob as águas oceânicas, extensa parte do leste catarinense, juntamente com nossa Azambuja. Somente as montanhas mais altas ficaram com os picos fora das águas, formando nossas ilhas costeiras.

No sul do Estado esta quebra, e conseqüente abaixamento da crosta da terra, é muito mais evidente formando o soberbo paredão da Serra Geral que é a íngreme escarpa de nosso planalto desde o Campo dos Padres, defronte de Anitápolis, até o extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul a dentro. A camada de carvão da Série Tubarão explorada no sul do Estado se formou numa única e vasta planície. Hoje, na Serra Geral, está numa quota acima de 1000 m sobre o mar; no sul do Estado de 40 até 60 m acima mergulha para 200 m abaixo do nível do mar.

O clima do mundo de então vai se assemelhando ao de hoje: zonas frias nos polos, quentes no equador. O ritmo das Estações vai se marcando. O ambiente é favorável ao desenvolvimento dos seres vivos. Plantas floridas enfeitam o mundo com suas variadas cores. Desaparecem os grandes répteis e desenvolvem-se os mamíferos. Mas ainda não há vestígios do homem.

Período quaternário — duração: 1 milhão de anos — Terminado o movimento de submersão, há pouco referido, e equilibradas as tensões da crosta terrestre, começou, em S. Catarina, uma lenta ascensão epirogênica de que vão, aos poucos, emergindo as terras mergulhadas sob as águas oceânicas. Sambaquis elevados, acaneladuras em penhascos produzidas pela abrasão de antigos níveis da água oceânica fazem admitir uma emersão de 60 a 100 metros (Maack): 1947), talvez até 200 metros como admitem outros. Desta forma Azambuja, que passou alguns milhões de anos, em banho, sob as águas oceânicas, emergiu novamente no quaternário, estando hoje a 35 m sobre o nível do mar. Os seixos rolados encontrados a 10 metros de profundidade nas sondagens para o assentamento das estacas de concreto do nosso Seminário, mostram antigos níveis das águas, quando o solo ainda estava mais baixo.

Outro fato curioso é a passagem do Rio Itajaí-açu por Azambuja, onde formava um cotovelo rumando depois para a sua foz atual, na cidade de Itajaí. O testemunho deste acontecimento é a enorme massa de cascalho que cobre as colinas de Azambuja com cerca de 50 m acima da Rua Azambuja, que então ocupava a altura do leito do rio. Afirmam os geólogos que tal quantidade de depósitos não poderia ser carregado por um rio relativamente pequeno como o Itajaí Mirim. O Itajaí-açu vinha de Gaspar até Azambuja, onde dobrava, descendo pelo atual leito do Itajaí Mirim. Só bem nos últimos tempos abriu novo caminho, de Gaspar diretamente a Itajaí. Pela segunda vez Azambuja jazia abaixo de águas, mas, desta vez, doces.

A fisionomia atual de Azambuja é o resultado de morfogênese recente por erosão dos córregos que banham este estreito vale. E pelos séculos e milênios vindouros a erosão pela água irá abaixando lentamente as cristas de nossos montes com tendência para um nivelamento total.

O quaternário é o período geológico que chega até nossos tempos históricos. A vegetação continua no ciclo de vegetais floridos. No reino animal temos o apogeu dos mamíferos, cujos maiores (Haplomastodontes) já desapareceram.

E surgiu o homem — *Homo sapiens* L. — o rei da Criação. Na forma selvagem pisou terras de Azambuja durante milênios e na forma de civilizado, há um século.

Quiz a Santa Mãe de Deus distinguir o Vale de Azambuja com sua proteção especial fazendo brotar uma fonte milagrosa que gerou as mais sublimes flôres da essência do Cristianismo: RELIGIÃO — Gruta milagrosa, Santuário, Morro do Rosário; CARIDADE — Hospital, Asilo; CIÊNCIA — Museu; EDUCAÇÃO — Seminário.

BIBLIOGRAFIA

CONSTET — L'Astronomie.

GAUSSEN, H. — Juventud y evolución, em *Holmbergia* 6: 1960.

MAACK, R. — Exploração Geográfica e Geológica em S. Catarina (Tradução), 1939.

MAACK, R. — Breves notícias sobre a Geologia dos Estados do Paraná e S. Catarina, em *Arquivos de Biologia e Tecnologia* 2: 1947.

MALZAHN, E., MEMPEL, G., BISCHOFF, G., DIETZ, C., THIERKART, F., PUTZER, H. — Beitrage zur Geologia von Brasilien, em *Beih. Geol. Jb.* 25:1957.

MARTINS, E. A. — A História da Terra, 1961.

OLIVEIRA, A. I. & LEONARDOS, O.H. Geologia do Brasil, 1943.

PUTZER, H. — Geologia da Fôlha de Tubarão, 1955.

Azambuja, 31 de agosto de 1961.

Aos nossos leitores

A direção dêste mensário está interessada em adquirir, para o seu arquivo, um exemplar do almanaque "BLUMENAU'S ILLUSTRIRTER FAMILIEN-KALENDER für das Jahr 1914" que foi editado pela Tipografia Baumgarten.

Quem o possuir e puder atender-nos queira mandar proposta para "Blumenau em Cadernos", Caixa Postal, 2675 — Curitiba — Paraná.

A 19 DE AGOSTO DE 1861 — há cem anos, portanto — foram criados, na freguesia de Gaspar, um distrito de paz e uma sub-delegacia de polícia. O ato que os criou, determinou que a eleição de juizes-de-paz se fizesse a 13 de outubro do mesmo ano, na matriz, que não estava ainda provida, canonicamente, de pároco. (O padre Gattone, seu primeiro viário, só foi nomeado em 1862).



O DISTRITO DE RODEIO, que havia sido suprimido, para formar, com o distrito de Ascurra, um só distrito com o nome de Arrozal, foi restabelecido por ato de 27 de agosto de 1933.

JUNHO DE 1961

1.º — Realiza-se, com grande acompanhamento, a procissão de Corpus-Christi. Nota de destaque: os lindos tapetes de flôres naturais no leito das ruas, salientando-se desenhos feitos em rosas e camélias brancas e lindas dâlias, de tamanho excepcional na floração d'êste ano.

— Chega, em visita oficial à cidade, o embaixador da Suíça no Brasil, sr. André Dominicé, que veio acompanhado da esposa e do cônsul da Suíça em Curitiba, dr. Hans Kieser. Recepção no salão nobre da Prefeitura às 17 horas, depois banquete protocolar no Tabajara, com a presença de autoridades e pessoas de destaque, fizeram parte das homenagens aos dignos visitantes. No dia seguinte, visita aos estabelecimentos industriais, ao 23 R.I. e em seguida almoço oferecido pela colônia suíça.

3 — Festa da cumieira da firma Prosdócimo, sito à rua 15 de novembro, com a presença do diretor-presidente do importante estabelecimento comercial, sr. Pedro Prosdócimo, de Curitiba.

3 — As festividades de diplomação no Clube local dos Soroptimistas iniciam-se com a chegada de Mrs. Dora Lewis, de Nova Iorque, presidente da Federação Americana das Soroptimistas e representante da Associação Soroptimista Internacional junto às Nações Unidas, e da governadora dos clubes da Zona Brasil/Uruguai, Da. Iná Moellmann.

6 — São presos os assaltantes do motorista, ferido recentemente com golpes de machadinha dentro do taxi que dirigia, — um dêles em Curitiba. (Por tratar-se de menores, não foram revelados os nomes.)

7 — Na Câmara Municipal realiza-se a cerimônia de entrega do diploma de "Cidadã Blume-

nauense" à diaconisa Irmã Martha Elizabeth Kunzmann, da comunidade evangélica de Blumenau, da congregação de Witten, na Alemanha, que desde 1930 exerceu a sua profissão de parteira diplomada em nossa cidade, primeiro na Maternidade "Johannastift", e depois, durante 26 anos na casa comunal do bairro do Garcia, tendo nestes 31 anos atendido a três mil parturientes sem distinção de classe, credo, raça ou côr. Foi o vereador Vitório Pfiffer propositor da indicação, por ocasião da volta à Alemanha desta benemérita enfermeira, que pretende dedicar os serviços de sua profissão à mãe nonagenária, sendo pouco provável o seu retôrno ao Brasil, visto faltarem apenas 4 anos para sua merecida aposentadoria.

9 — Na sessão da Câmara Municipal é aprovado o voto de congratulação ao govêrno do Estado pela criação do Banco do Desenvolvimento, proposta do Dr. Martinho Cardoso da Veiga, do PSD, apoiado pela bancada da UDN, através da palavra do líder, vereador Dr. Wilson Gomes Santiago.

10 — Encerram-se os cursos promovidos pela DKW-VEMAG, com festiva churrascada oferecida pela "Casa DICO".

10 — Assinala a data as Bodas de Ouro de dois venerandos casais, do mesmo nome de família, sem parentesco, entretanto: Sr. Hans Ernst/Da. Emy Schmidt, fundadores da grande indústria Porcelana Schmidt, na vizinha cidade de Pomerode, e Sr. Walter/Da. Luiza Schmidt, da importante firma comercial local "Walter Schmidt S/A.". Ainda no decorrer do mês, a 17 e 26, enviuvaram dois dos cônjuges, falecendo o sr. Hans Ernesto Schmidt e Da. Luiza Schmidt, esta já enfêrma há muito tempo.

14 — O Aero-Clube local publica ter sido contemplado com a doação de um avião "Paulistinha".

13 — Tendo o executivo criado uma escola na Rua Xapecó, cujo nome seria Tiradentes, propôs o Legislativo o nome Pedro Krauss para a mesma, em homenagem ao primeiro morador daquele bairro. Propõe agora o Prefeito a mudança do nome da respectiva rua para Pedro Krauss, para manter a tradição de empregar para escolas unicamente nomes de vultos de nossa história, professores beneméritos, prefeitos já falecidos ou de pessoas que de maneira decisiva contribuíram para o progresso da nossa comuna, sendo aprovada a proposta.

14 — Sensacional roubo ocorre em Itajaí, sendo retirado da Alfândega, durante a noite, 51 caixas de Wisky, parte de contrabando apreendido há pouco tempo em Pôrto Belo, tendo solicitado a polícia itajaíense o auxílio de um destacamento de Infantaria da nossa cidade, para cujo quartel é transferida, semanas depois, a mercadoria restante, para maior segurança.

18 — Na relação publicada das arrecadações fiscais de 1960, em Santa Catarina, onde lideram Blumenau, com Cr\$ 461.011.520,20 e Joinville, com 449.631.875,00, figuram também mais dois municípios do Vale do Itajaí, entre os maiores contribuintes — Itajaí em 3.º lugar, com Cr\$ 232.852.534,30 e Brusque, em 8.º lugar, com Cr\$... 106.402.501,70.

18 — Naufragando no mar agitado a baleeira que conduzia três cidadãos blumenauenses, amantes do esporte da pescaria, a cerca de duas milhas de distância da praia de Armação, perdem a vida os srs. José dos Santos e Waldêncio Correia, sendo o corpo do primeiro (vítima, certamente, de um colapso do esforço da natação, pois ficou boiando nas águas)

apanhado pelos pescadores que, após várias horas, recolheram os sobreviventes, Sr. Guilherme Buch e barqueiro Zico da Silva, na encosta da Ilha Feia enquanto o cadáver do segundo tragado pelas ondas logo após o acidente, veio dar às proximidades da Ilha Feia a 1.º de julho, quando foi dado à sepultura no Cemitério de Armação.

17 — Dias de frio intenso. Temperatura mais baixa em Blumenau, entre 9 e 11 graus, subindo durante o dia a 14 e 18 graus. Em São Joaquim, lugar mais frio do nosso país, verifica-se a temperatura de 7,2 graus abaixo de zero. (Outras informações anunciaram 11 graus, que seria a temperatura mais baixa já verificada em nosso país).

25 — Desaparece trágicamente o sr. Bruno Morel, atingido por seu companheiro de caça, Sr. Conrado Mueller, que atirou em sua direção, equivocado pelo apito de caçador, julgando tratar-se de ave cuja voz este imitara.

Durante o mês ocorreram os falecimentos da veneranda senhora Vva. Benjamim Rocha e Sra. Erica Benthien na nossa cidade. Desapareceu o sr. Luiz Bertoli, de Rio do Oeste, grande agricultor e colonizador daquela zona do Alto Itajaí, e em Brusque o benquista, ainda jovem cidadão Sr. Oscar Maluche, proprietário de grande área de terras daquela cidade, cujo loteamento estava procedendo. Nos primeiros anos da década passada foi ele funcionário da Prefeitura de Blumenau, enquanto estudava num dos nossos estabelecimentos de instrução, aprendendo, ainda, nas horas vagas, a profissão de linotipista, em simples afã de aproveitar o tempo e estudar e aprender tudo que fôsse possível.

O movimento bandeirante e dos Escoteiros, vêm se expandindo na nossa cidade, apontando referências no noticiário local.



EM 1886, pela lei n.º 1.116, de 4 de setembro, foi criado o distrito de paz de Indaial, o segundo do município de Blumenau.

SUL FABRIL S/A

MALHARIA E CONFECÇÕES

Produtos de Maior Preferência no Gênero

"CAMISAS SUL FABRIL"

A MARCA QUE CONQUISTOU RENOME

FABRICA E ESCRITÓRIO :

RUA ITAJAÍ, 948

CAIXA POSTAL, 243

TELEFONE, 1125

TELEGRAMAS : "SULFABRIL"

BLUMENAU - Santa Catarina

Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.

COMPRA E VENDA DE MADEIRAS
PARA TODOS OS FINS



Madeiras para Construções



Telefone, 1248

Rua 7 de Setembro

BLUMENAU — Santa Catarina